

Análise de Conteúdo – Entrevista nº 4¹

Dimensões	Sub-dimensões	D. Odete ²
<p>A) Perfil Individual</p>	<p>▪ Características sócio-biográficas</p>	<p>→ 60 anos → casada → Escolaridade – 3ª classe → Católica praticante → Residente em São Romão / Concelho de Armamar (Beira Alta) → Proveniente de família mais ou menos numerosa (cinco filhos) → Começou a trabalhar no campo desde pequena → Casou com 31 anos pela Igreja → dois filhos, um rapaz e uma rapariga → Os filhos são ambos licenciados: “Nasceram os dois em Angola, estudaram em Lisboa até ao 12º ano e depois foram estudar os dois para Braga: ela é professora e ele é engenheiro.” → Actualmente, reside com o marido</p>

¹ Entrevista realizada a 18 de Outubro de 2008, na aldeia de São Romão, Concelho de Armamar, distrito de Viseu.

² Nome fictício para preservar a identidade da inquirida e não ferir susceptibilidades.

<p>B) A Utilização da Medicina Tradicional</p>	<p>▪ Como aprendeu</p>	<p>→ Antigamente, com a mãe e actualmente, com a comadre:</p> <p>“Agora, também aprendi a curar algumas doenças. Sabe que quando temos o pé ou a perna aberta e dói muito, a gente cose com uma panela de água a ferver e com um púcaro virado ao contrário, põe-se uma tesoura em cruz, em cima da panela e diz-se, com uma agulha e um novelo de lã, sempre a coser (...) Isto eu até já sabia de há mais tempo, eu é que me não lembrava como era, porque a minha mãe também já fazia tudo isto, curava ao mal do bicho, os entorses, a névoa da vista, o embaçado, tudo isso. Mas eu, nunca escrevi nada, alguma coisa ficou e lembra-me, outras esqueci-me, ela já morreu há tanto tempo. Mas ela sabia tudo isto, tinha umas mãos santas. Agora, quando me não lembro bem como é, tenho aqui a minha comadre que me ensina, ela nisso tem fama, vem cá muita gente procurá-la e ela faz bem a muita gente.”;</p> <p>“Olhe, também aprendi a atalhar à zeripela com a minha comadre.”;</p> <p>“Com a minha mãe podia ter aprendido mais, mas sabe como é, parecia que nunca havia tempo para nada, viveu sempre comigo até morrer e nunca me dispus a escrever nada e podia ter aprendido mais. Quando morreu é que senti a falta, a falta de tudo. Estava muitas vezes doente em Lisboa e não sabia a quem recorrer, já não a tinha a ela, não é.”;</p> <p>“Nessa ocasião, pedi-lhe que me ensinasse a do embaçado e então aprendi. Depois quando era preciso eu própria fazia, sabe que os Lisboetas não sabem fazer nada, são uns acanhadinhos para essas coisas. Às vezes, havia lá algumas que sabiam tirar os espíritos, que diziam que tratavam as pessoas, mas o que sabiam era levar o dinheiro... mandavam acender velas, ouvir muitas missas por alma de quem tinha morrido, tudo fantochadas para nos levar o dinheirinho.”;</p> <p>“Com a minha mãe aprendi a defumar as casas e as pessoas, dizem que é bom defumar as casas quando são novas ou outras coisas.”;</p> <p>“A gente com as pessoas mais velhas aprendemos sempre muita coisa, já viveram muito, têm mais</p>
---	-------------------------------	--

<p>B) A Utilização da Medicina Tradicional</p>	<p>▪ Experiências / Práticas</p>	<p>que <u>há pouco quem faça o bem</u>, parece que hoje em dia só há maldade. Veja as notícias na televisão... é só desgraças!”</p> <p>“Volta e meia, quando a minha comadre anda doente, atalha-se para ver se é alguma coisa disso (ela também sabe) e eu às vezes também faço o mesmo, parece que me sinto logo melhor, não sei!”;</p> <p>“Olhe, cheguei a vir com o meu marido aqui de propósito para curar o meu filho que andava já amarelinho, muito fraquinho, de tanto vomitar, e os médicos não curavam o rapaz. Eu sabia que estava embaçado, mas arranjar quem mo tratasse em Lisboa. Vim então cá à minha comadre e, quando fui para baixo, já ia melhor, até hoje, com a graça de Deus.”;</p> <p>“Uma altura, veio cá uma sobrinha minha que está em Espanha e trazia numa perna esse mal. Esteve aqui a falar comigo e eu vi logo o que era. O tempo que esteve cá, curei-a. A rapariga ficou toda contente. Ainda há pouco tempo esteve cá e trouxe-me um chouriço enorme de lá, diz que não sabe como me agradecer. Também já curei um rapazito ali de baixo, o Valter.”;</p> <p>“Aqui há uns tempos, pela altura da vindima, ela veio cá com a minha netita, ainda não tinha um anito, e menina não parava de vomitar e com umas diarreias muito grandes, a minha filha andava doida, veja lá que chegou a ir à pediatra a Viseu, veio de lá era quase meia-noite. Por essa altura, a minha comadre estava para Lisboa para casa de um filho, mas como já me tinha ensinado a curar o embaçado, a minha filha lembrou-se e pediu-me para lhe tratar a menina. “Se não fizer bem, mal também não lhe há-de fazer”, dizia ela. Não sei se foi a médica ou eu, a verdade é que ela melhorou num instante. Estava embaçada, coitadinha, muita gente não acredita.”</p>
<p>C) A Transmissão da Experiência / Sabedoria</p>	<p>▪ Destinatários / Quem: Como</p>	<p>→ A sobrinha: “Também já a ensinei a uma sobrinha minha, a Judite além dos Passos. A rapariga volta e meia</p>

<p>C) A Transmissão da Experiência / Sabedoria</p>	<p>▪ A importância / Valor atribuído pelos outros</p>	<p>anda doente e a gente não sabe o que é, ela pediu-me e eu ensinei, quando precisa faz e não chateia ninguém. Diz que se sente melhor...tudo é bom saber, nós, os mais velhos não devemos levar o segredo p'ra cova. Estes mais novos, quando a gente morrer, também precisam de se defender do mal e olhe que há mais quem nos queira mal do que bem.”</p> <p>→ A filha:</p> <p>“A minha filha interessa-se por estas coisas e acredita, mas o meu filho não liga tanto, respeita, mas não liga, não quer saber, é homem sabe. A minha filha acredita, liga e gosta de saber, tem aprendido muita coisa comigo e até com a minha comadre. Quando é preciso já se desenrasca bem sozinha.”;</p> <p>“Nessa ocasião, a minha filha escreveu num papel a reza e como se fazia. Pediu-me para não dizer nada ao meu genro, ele não sabe, não acredita nessas coisas, diz que são bruxarias... também é lisboeta sabe e nunca precisou de verdade.”</p> <p>“Eles ficam <u>contentes e agradecem ainda existir gente como nós</u>, que sabemos fazer alguma coisa.”;</p> <p>“Estava embaçada, coitadinha, <u>muita gente não acredita.</u>”</p> <p>“Uma coisa é certa, parece que em todo o lado se faz o mesmo, mas às vezes às pessoas não gostam de fazer e de ensinar, umas querem levar o segredo p'ra cova, outras têm medo que as chamem de bruxas. Eu gosto de ensinar e também gosto de aprender, o saber não ocupa lugar, mas também nunca me trataram mal por fazer o bem. Sabe que há minha comadre Nazaré já lhe aconteceu isso, já a chamaram de bruxa. Então, ela às vezes quer ajudar, mas evita curar lá em casa p'ró povo não falar. <u>Há muitas más línguas e gente ruim neste mundo, mas quando precisam...ai Jesus, ai Jesus, quem me acode...</u>”;</p>
---	--	---

<p>C) A Transmissão da Experiência / Sabedoria</p>	<p>▪ A importância / Valor atribuído pelos outros</p>	<p>“Pedi-me para não dizer nada ao meu genro, ele não sabe, <u>não acredita nessas coisas, diz que são bruxarias</u>... também é lisboeta sabe e nunca precisou de verdade.”; “...o meu filho não liga tanto, <u>respeita, mas não liga, não quer saber, é homem sabe.</u>”; “O meu filho diz que calhou correr bem...”.</p>
---	--	---